



O martyrio de S. Symphroniano

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) .	1\$200
» » (3 mezes) .	600
À cobrança feita pelo correio ou pelo co- brador, accresce o importe das despesas.	
Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

Collegio Lyceu Português

FIGUEIRA DA FOZ

DIRECTOR, *José Luiz Mendes Pinheiro*

Situação esplendida.—Magnificas installações construidas expressamente para o fim a que se destinam.

Cursos completos de instrucção primaria e secundaria.

Professores estrangeiros para a ensino das linguas.

Educação moderna completa sob todos os pontos de vista.

Enviam-se promptamente programmas e quaesquer esclarecimentos a quem os pedir ao director.

PENSÃO UNICA EM LISBOA

No coração da cidade, perto da Estação Central do Rocio, a poucos metros da Avenida da Liberdade — na RUA DA ALEGRIA, 90, 1.º — fica esta **Pensão**. E' deslumbrante, soberbo, o panorama que d'ahi se espraia, abrangendo, em semi-circulo, a melhor area de Lisboa, ficando-lhe em meio, essa soberba Avenida, e aos pés uma admiravel encosta de verdura, um bosque frondoso de plantas sempre verdes, sempre viçosas — o Jardim Botanico. Estando no centro da cidade, sentimo-nos viver na mais aprazivel das quintas. Está continuamente em **ares**, quem alli reside, é uma verdadeira **Estancia** de suade.

A par d'este bem estar ha uma alimentação pura, sadia, innocente, agradavel, natural, sem temperos excitantes, sem ingredientes que tanto envenenam a pobre vida humana! A materia prima, carne, vinho, azeite, vinagre, nada é comprado nos estabelecimentos da cidade, vem directamente da provincia de casa do proprietario, e de casas particulares. E' assim que, estando na cidade, se vive n'uma atmospheria pura e sadia, como na provincia; e como na provincia nos alimentamos tambem.

Tudo isto, que é litteralmente verdadeiro, é coroado por um preço excepcional. E' que a **Pensão**, desejando e querendo ser honesta e seria, aspira a um fim moral e humanitario. Não se admittem senão pessoas honestas, serias, sociaveis. Ha quartos por preços modicos.

Da provincia deve-se prevenir antecipadamente.

TABELLA

Por mez, sem vinho	12 escudos
> 15 dias, sem vinho	7 >
> 7 > > >	4 >
> dia, sem vinho.	1/2 >

O Director,

Padre João Antonio Fidalgo.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

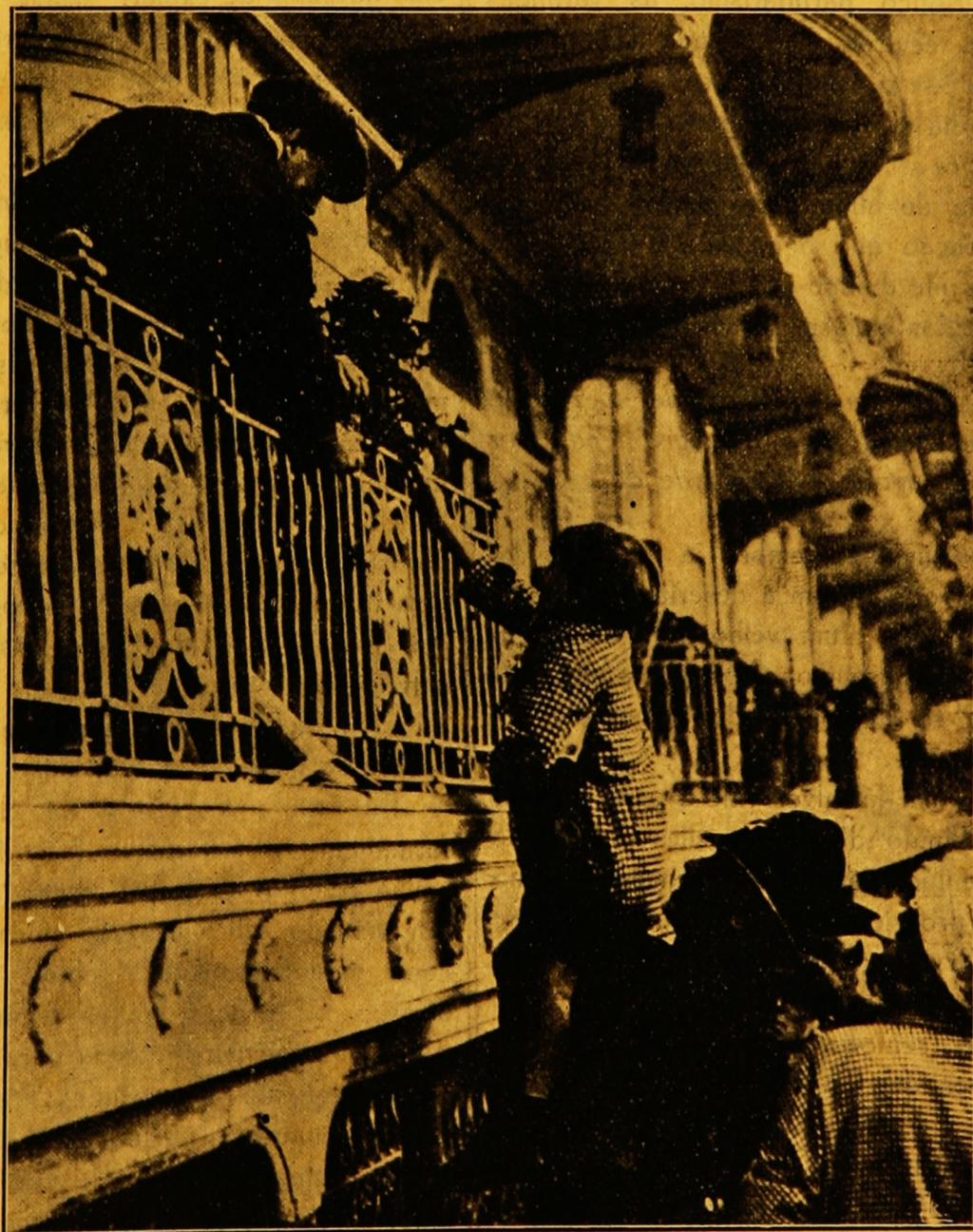
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 5 de dezembro de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 75—Anno II



LONDRES--Uma creança offerecendo um ramo de flôres a um soldado belga ferido na guerra e agora installado no hospital de sangue

Chronica da Semana



LXXIV

TRISTE AUGURIO...

1 de Dezembro. Nas ruas uma chuva impertinente a enlamear os passeios. Luz baça abafando o vozear da multidão que deslisa. Percebem-se vagamente os vivos tons berrantes das bandeiras, choramingando bagas de patriótico partidarismo, às varandas dos centros. De quando em quando ouve-se o estallo secco de um foguete. E' dia de festa? Ninguém repara n'isso talvez... que o enthusiasmo vagabundeia de alma para alma a pedir um coração que o aquece e uma bocca ardente d'onde possa explodir em consabidas imagens de rhetorica.

"O dia primeiro de Dezembro amanheceu puro e alegre tendo por feliz augurio a suavidade do céu..."

Quem se lembra já d'estas palavras que abriam a descripção do feito libertador n'um velho livro de leitura que manuseamos em tempos felizes de que só uma saudade tristemente floresce?...

Nem já talvez vale a pena revocar do fundo d'alma aquelles ardores da juventude, tão faceis de encender como os proprios sonhos d'ella, — que vae muito sceptica a consciencia e desvanecida a esperança dos tempos de hoje.

De tanto ver, sente-se já puido o nosso olhar, e nós, os novos, que levantamos com amor da poeira mirrante do caminho o almo lirio real d'uma fé sublime, erguendo-o para o céu nas mãos em taça, como a offerta-lo a Deus, nós, quando o acaso ou a sorte da vida nos faz encontrar, cuidamos que já um seculo dobrou sobre as nossas fronteiras, debruçamo-nos, uns sobre as almas dos

outros, e ficamos a fallar d'uma vida que ainda não chegou mas que já conhecemos! N'estas horas de crise fatal que atravessamos, a nossa geração parece destinada a ser para os homens de hontem o espelho dos seus desatinos, e a nossa presença figurar-lhes-ha os erros que elles commetteram e cujas consequencias havemos de expiar.

Ah! quem contasse por escripto os rasgos loucos em que estremecemos! Que restam d'elles? A inverosimilhança das sombras...

Não admira, não, que o dia de hoje passe sem que alguém recorde a imminencia do perigo, e nos previna do surdo remugir da cratera, em cujas vertentes acampamos descuidosos.

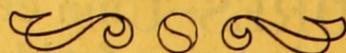
Alguns devem, porém, melhor que nós, repetir as tradições da patria. Esses envergam uma farda e por selvas d'África rondam a fronteira ameaçada pelo teutão invasor. Calcam um solo fertilizado de sangue heroico. A viridencia das arvores, o rumorejo brando das florestas ha-de cantar-lhes ao coração a epopeia triumphal do passado heroico de Portugal, e o sangue já vertido ensinar-lhes-ha a morrer com honra!

... 1 de Dezembro. Luz baça, abafando o vozear da multidão que passa.

Por sobre o casario da cidade enorme, formilhante, uma flecha do fogo do poente, vermelha como o sanguineo rastro de um gladiador vencido, vibra e treme ainda... continua a cahir monotonamente a chuva. Aos bandos, atravez das praças, vultos femininos refogem e diluem-se na densa nevoa parda.

E enquanto às varandas dos centros partidarios bandeiras nacionaes choram as bagas do seu patriótico suor, um garotelho, a nosso lado, assobiava audaz a *Portuguesa*.

F. V.



VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

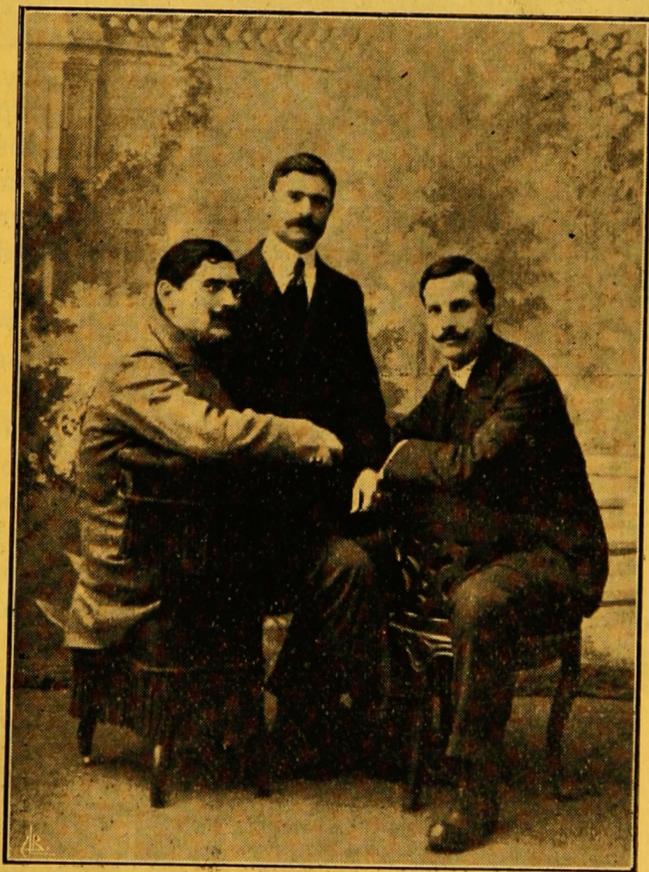
A

minha adoravel e silenciosa companheira de viagem, deixou esquecido, — na pressa com que desapareceu, com a sua reserva e o seu luto, — no *fauteuil* do *dining-car* o seu livro d'impressões. Deixou-o aberto, as folhas ainda quentes da volupia do seu halito, rescendentes do perfume leve das suas mãos. Com aquelle costume muito inglez de fixar diariamente as impressões, fica-me n'aquelle livro todo o seu cadastro sentimental, que eu percorri com a ternura discreta com que folhearia a sua alma de mulher. Alli, ao meu lado, aquellas paginas cruzadas d'uma lettra irregular e viva, parecem-me que tremem, que imploram, que balbuciam trementes de pudor que as deixe recolhidas no seu mysterio, na sua intimidade...

E' que alli vivem, palpitam os nervos d'uma mulher, as suas illusões, os seus desgostos, os seus ridiculos e as suas qualidades, os seus sonhos, as suas tristezas—é, emfim, toda uma alma, divulgada, prescrutada, e esclarecida. Aquellas paginas são a errata sentimental d'uma personalidade, por isso tremem ao ser lidas, arrancadas da sua intimidade, profanadas, por olhos estranhos e indifferentes.

O livro ficou aberto em paginas recentes e são essas, que eu precisamente li, indifferente ao principio, commovido logo, com lagrimas nos olhos no final.

A minha silenciosa companheira escreveu alli a pequenina tragedia da sua vida. Rica, feliz entre as suas flôres e as suas pombas, na paz do seu condado distante, deveria casar dentro em breve, mas a guerra estallou e o seu noivo, o eleito da sua alma... aquel-



COIMBRA—Os tres ultimos presidentes da direcção de C. A. D. C.

Da esquerda para a direita: Dr. Carlos d'Azevedo Mendes, (1910-1911); Dr. D. José de Lencastre, 1907-1910); Dr. João Francisco Cavaco, (1911-1913)



le — (assim resa o seu diário) com quem repar-
 tiu um pouco da sua vida, do seu coração,
 aquelle que é metade da sua personalidade ou
 toda, o seu sonho e a sua esperança, a sua vi-
 da, o seu amor afinal... partiu na primeira leva,
 sem tempo para se despedir, sem tempo para a
 vêr... Desde essa tarde fatal, não teve uma ho-
 ra de calma, um instante tranquillo, uma ale-
 gria, um prazer.

Uma noite de temporal, quando o vento so-
 luça desafinado uma aria soturna de *estradi-
 rius* rouco, ella, debruçada para o seu bordado,

o vêr — se tem a certeza que morreu — mas para
 encontrar a sua campa rasa d'heroe e poder
 cobri-la com as suas lagrimas e as flôres gar-
 rulas dos jardins geometricos do seu condado
 distante, que ella guardava enleada para o dia
 do noivado feliz...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

O Padre belga



OVAR—No rio das Palhas

(Clichê do phot. am. sr. Ricardo Ribeiro)

tem a visão d'um combate longinquo, ouve gri-
 tos e gemidos e por entre a fumarada e a ne-
 voa das costas, vê cahir, entre ondas de destro-
 ços e cadaveres, o seu noivo querido. Não con-
 segue desvanecer essa terrivel impressão e cho-
 ra, chora, toda essa noite amarga
 de temporal, sentindo avolumar
 no seu coração, tomar realidade,
 assegurar, impôr, esse presagio
 terrivel... Dois dias e duas noites —
 (que o livro amarguradamente re-
 gista), — procura dissipar essa vi-
 são, que cada vez mais se radica,
 n'essa ideia de morte, e pouco a
 pouco, entre lagrimas, rindo de si
 propria, esgotados todos os esfor-
 ços adquire a certeza. Dizem-lhe,
 que é uma loucura, negam, inven-
 tam, mas a tudo indifferente, fiada
 apenas no seu coração, não acre-
 dita, cega pela sua visão, coheren-
 cia sómente d'aquelle presagio bru-
 tal...

Agora, vae correndo terras e
 aldeias, não com a esperança de

da hoje os christãos que pela fé e patriotismo
 dão os mais nobres exemplos de coragem e de
 desprezo da vida. E não sómente os engrande-
 ce a bravura na defeza do lar querido ou do
 campanario adorado; mas tambem a firmeza



VIATODOS—Um grupo de bons amigos

(Clichê do dist. phot. am. sr. A. Braz d'Araujo)

com que aguardam a morte no fundo d'uma masmorra ou abrem a cova que vae servir-lhes de tumulo.

Como nos tempos da Grecia heroica, a immortal Belgica lega ás gerações que se succederem, para admiração e ensinamento, os mais extraordinarios e grandiosos actos de valor.

E o padre, esse evangelizador intemerato e

—Padre, se no fim da missa não pedires a Deus, em voz que todos ouçam, protecção para os exercitos austro-allemaes, serás fuzilado.

O cura continuou o santo sacrificio da missa sem olhar o official allemão, sem que o mais leve receio perturbasse a sua fronte enrugada e serena. Mas quando concluiu, ergueu as mãos ao céu e exclamou com voz forte:

Roguemos a Deus que conceda a victoria aos exercitos belgas!

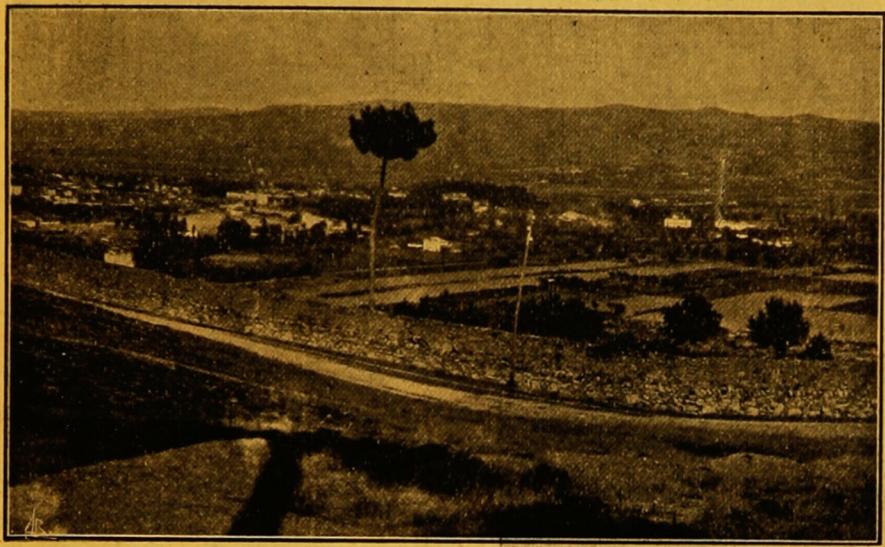
Foi logo arrastado para o largo, encostaram-no ao muro do adro da sua igreja e fuzilaram-no. A sua heroica cabeça, dealbada de cãs, cahiu para subir á immortalidade.

“A filha da punição,,

(Conclusão)



DURANTE o Imperio as ordens sobre o contrabando eram bem mais



CHAVES—Um aspecto da villa

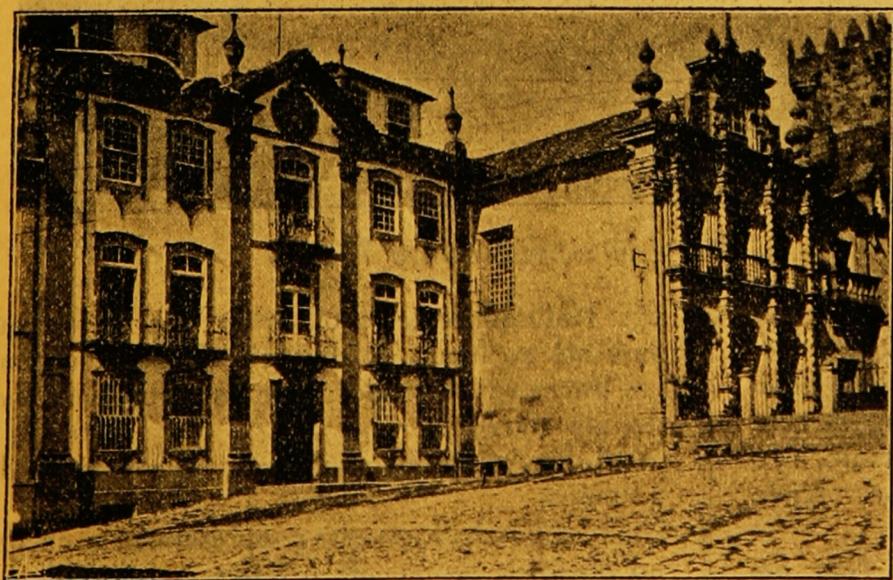
humilde, morre pela patria e pela fé sem hesitações e sem pusillanidades.

Aquelle modesto e velho cura d'uma pequena e alegre aldeia vizinha de Nivelles, pela fria heroicidade com que respondeu aos allemães, enriqueceu a Historia da Belgica com uma acção heroica e é o orgulho dos seus esforçados compatriotas.

O cura subira o altar e começara a missa, quando a cavallaria allemã irrompeu no grande largo da aldeia ensombrado de copado arvoredado. A multidão de fieis mais se aconchegou dentro do templo quando um capitão intimou ao cura:



Edificio da Camara e quartel de infantaria 19



Hospital, igreja da Misericordia e o castello

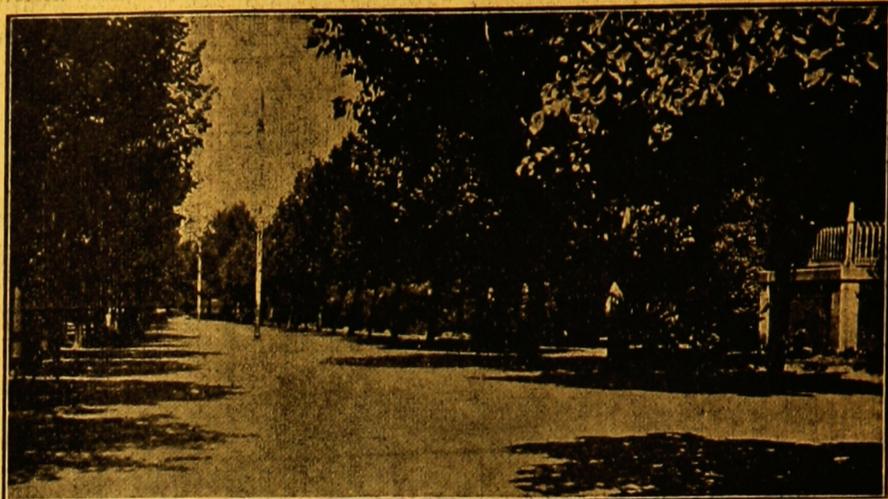
severas do que agora, pois faziam parte do systema de guerrear.

Noite e dia vigiavam-se as dunas e os desgraçados *smoglers* não eram homens que dormissem... Mas o augmento da vigilancia não impediu o commercio nocturno. De tempos a tempos, encontrava-se na praia o cadaver de um inglez; no dia seguinte apparecia o de um guarda d'Alfandega. Havia compensação e as coisas seguiam o seu rumo.

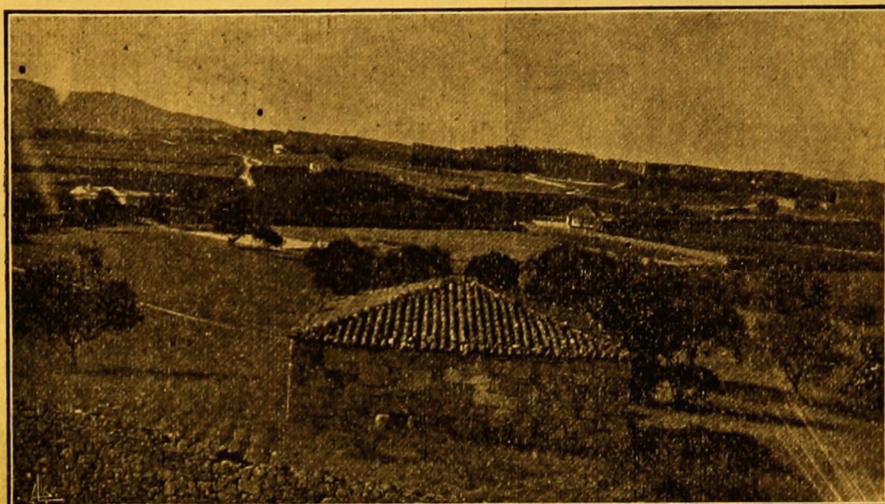
Thiago já não ia muitas vezes ao mar. Era o seu officio o mais perigoso de todos. Competia-lhe fazer descarga das mercadorias em contrabando. Quando uma chalu-

pasinha se mostrava, lá embarcava Thiago na sua canôa e dirigia-se a bordo para desempenhar o papel de piloto. Depois, ajudava a desembarcar os fardos e recebia por tal serviço uma exigua quantia. Até então, conseguira livrar-se de todas as perseguições. Os seus esconderijos eram tão cuidadosamente escolhidos, que os guardas cançavam-se de o espiar. Mas Margarida corria todos os dias pelas praias...

Uma vez, ao cair da tarde, um guarda fiscal seguia-a de longe. Esse guarda teve um trabalho enorme em não perder a pista, porque Margarida, depois de ter



CHAVES — Jardim Publico mandado fazer pelo grande benemerito snr. Sotto-Mayor



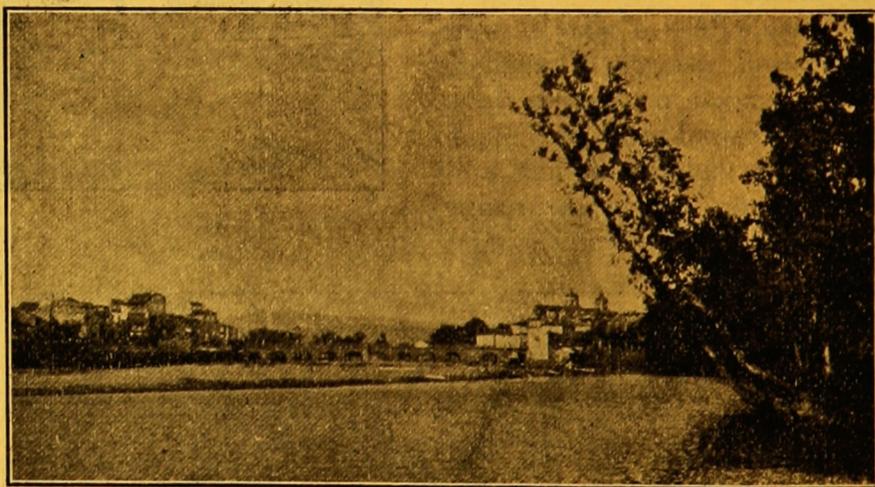
CHAVES (Espaldão) — Lugar onde se deu o combate das tropas fieis com as tropas realistas

branco ia voando como uma pluma sobre o fundo negro dos penedios.

Quasi sempre o vento trazia aos ouvidos do guarda algumas notas dispersas do canto da moça. De repente, ella desapareceu e a voz cessou de cantar. O guarda parou indeciso. Era o ponto mais alto da penedia. A cem pés abaixo d'elle, o mar batia contra a base do rochedo. Approximou-se mais. O caminho até alli, ao logar onde Margarida desaparecêra, era plano; terminava por uma larga rocha que se abria para o mar e era impossivel de trans-

palmilhado uma grande extensão da praia, metteu-se pelo dédalo de escarpas que, como altissima e robusta estacada, defende o castello da penedia do Verde. Ao poisar na penedia, o leve andar de Margarida não se demorou. Saltava, graciosa e esbelta, de pedra em pedra, como um cabritinho dos Alpes, vencendo todos os obstaculos, roçando os brancos pés pelas moitas dos varechs. O guarda, pelo contrario, suava sangue e agua, o desgraçado! Os pregos dos seus sapatos ferrados prendiam-se ás fendas dos rochedos, escorregavam pelos sargaços, desequilibravam-o sobre as pedras e faziam com que elle por vezes rolasse pesadamente até ao fundo de alguma abertura cheia de lulas e mariscos, cujo desagradavel cheiro enervava. No entanto, não desanimou. Levava deante dos olhos o premio de tão arriscada aventura.

Margarida, porém, corria sempre. Não havia luar. Ao clarão das estrellas, o seu vulto



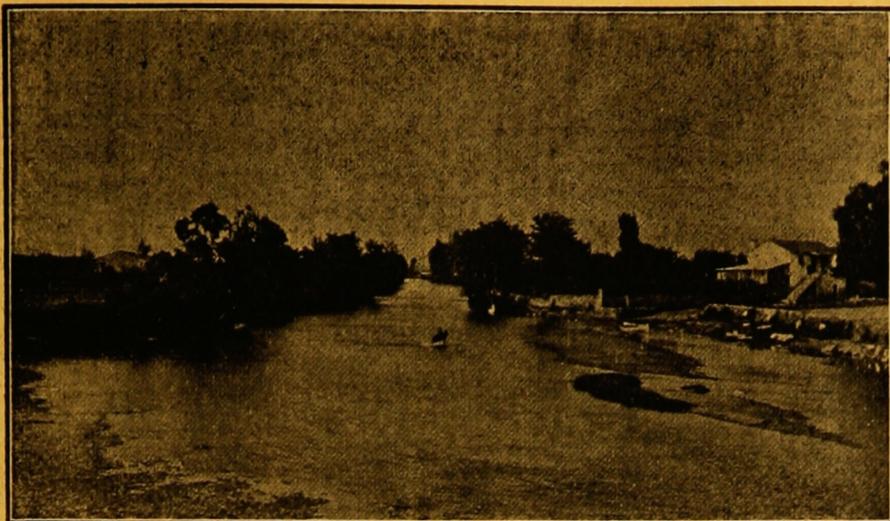
Um aspecto do rio Tamega

pôr. Naturalmente, o olhar do guarda mergulhou até ao fundo do buraco. Descobriu uma luz fraca, vasquejando sobre as pedras molhadas da entrada.

—Eis o ninho! murmurou elle esfregando as mãos.

E voltando logo atraz, apressou-se a chegar ao posto de Rothneuff, a requerer reforço.

Uma hora depois, cinco homens pararam á



CHAVES—O Tamega visto da Ponte Romana

(Clichés de José Villela)

beira da brecha. Desceram em silencio. No fundo do buraco havia uma pequena cabana; tão bem escondida que era preciso saber-lhe a existencia para a descobrir. No interior, a luz já se apagára. Os guardas accenderam a isca. Entraram. Sobre um monte de algas seccas, Margarida, toda vestida, dormia; o rosto tão cheio de calma que dir-se-hia alli a imagem viva da candura. Estaria só na cabana onde o contrabandista se escondia? Os guardas chamaram por ella, que acordou a sorrir. A' vista d'esses homens armados o seu olhar azul não baixou. Abriu a bocca e murmurou docemente:

Il faut du sang, du sang, du sang!

Os guardas recuaram.

—Sim, disse um d'elles, é preciso, e quando o bandido voltar, nós o apanharemos!...

Passou uma nuvem pela fronte branca de Margarida. Quem sabe se n'um instante o instincto do amor filial lhe dissipou as trevas da intelligencia. Foi um relampago... Depois de alguns segundos de silencio, os seus labios de novo começaram:

*Versons à boire à la machine
Pour abreuver la guilhotine.*

—Escutem! exclamou um dos guardas, preparando a arma. D'esta vez é nosso!

Todos ficaram em silencio. Margarida interrompeu o seu canto. Ouvia-se em baixo, no mar, um ruido surdo e regular. Era um barco que chegava á força de remos.

—Ei-lo! disseram os guardas.

Margarida levou lentamente a mão á fronte. Passou de um salto entre os guardas e inclinou-se para a beira do abysmo.

—Calla-te! disse baixo um dos guardas, ou morres!

A pobre creança não podia desobedecer. Não sabia fallar. Mas, no momento em que os guardas se approximaram d'ella, pegou na cor-

da que servia de escada a seu pae e deixou-se escorregar pelo rochedo.

Os guardas consultaram-se; depois, o chefe bateu com a espada na corda que era velha e logo rebentou. Ouviu-se uma voz fraca no fundo do precipicio a cantarolar:

Il faut du sang, du sang, du sang!

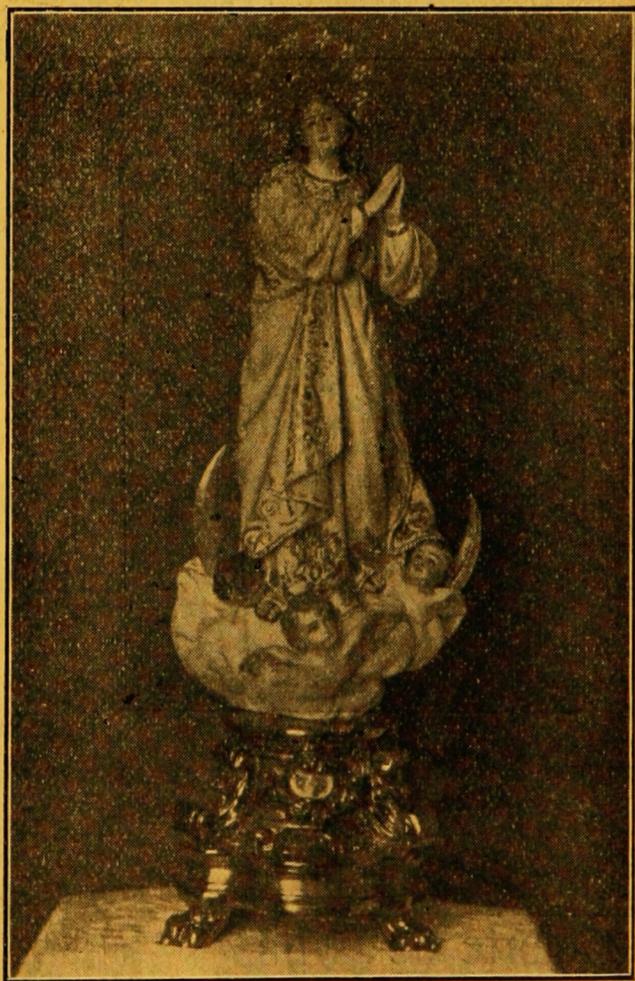
—Pobre creança! murmuraram os guardas.

O barco, no entanto continuava a avançar.

Margarida, precipitada de uma enorme altura sobre a praia, não pôde prevenir o pae. Thi-

go foi preso pelos guardas, depois de um combate feroz. No dia seguinte não foi encontrado o corpo de Margarida na praia. Thiago resistiu: foi condemnado á morte.

No dia da execução, o cadafalso foi levantado no mesmo lugar onde Thiago tinha, dezeseite annos antes, feito o officio de carrasco. Todos se lembravam ainda d'esta circumstancia e não havia entre os espectadores quem d'elle se apiedasse. Thiago subiu de cabeça baixa os



IMMACULADA CONCEIÇÃO

Bella e artistica imagem da Virgem feita pelo habil esculptor bracarense snr. João Evangelista Vieira para o Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Arcebispo de Evora

degraus do cadafalso. N'este momento, uma pallida moça, de roupas rasgadas, o corpo coberto de feridas, passou por entre o povo e veio cahir moribunda aos pés da guilhotina.

— Minha filha! gritou Thiago, estendendo os braços.

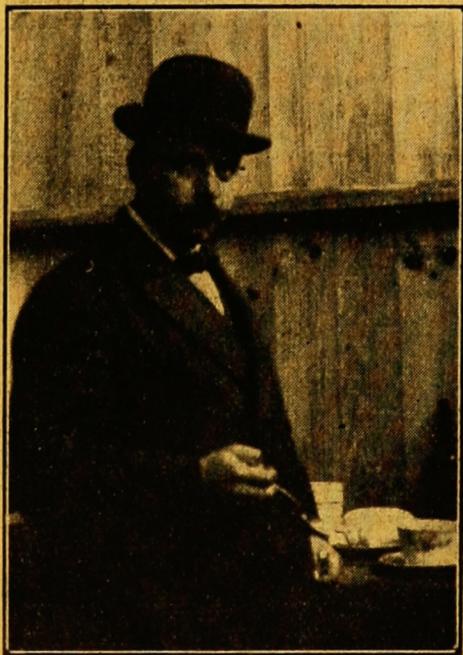
Margarida ergueu-se um pouco ainda, olhou para o fatal aparelho, monumento do seu louco e tragico destino, e a sorrir, ainda murmurou:

*Du sang, du sang, il faut du sang!
Versons à boire à la machine.*

Depois cahiu para não mais se levantar.

Thiago soltou um grito de angustia e entregou a cabeça ao executor. O povo retirou-se silencioso e recolhido, Se a falta fôra grande, terrível fôra também o castigo, e mais de uma pessoa encontrou no coração piedade para esta triste familia, sobre a qual pezara justiceiramente o dedo de Deus!

PAULO FÉVAL.

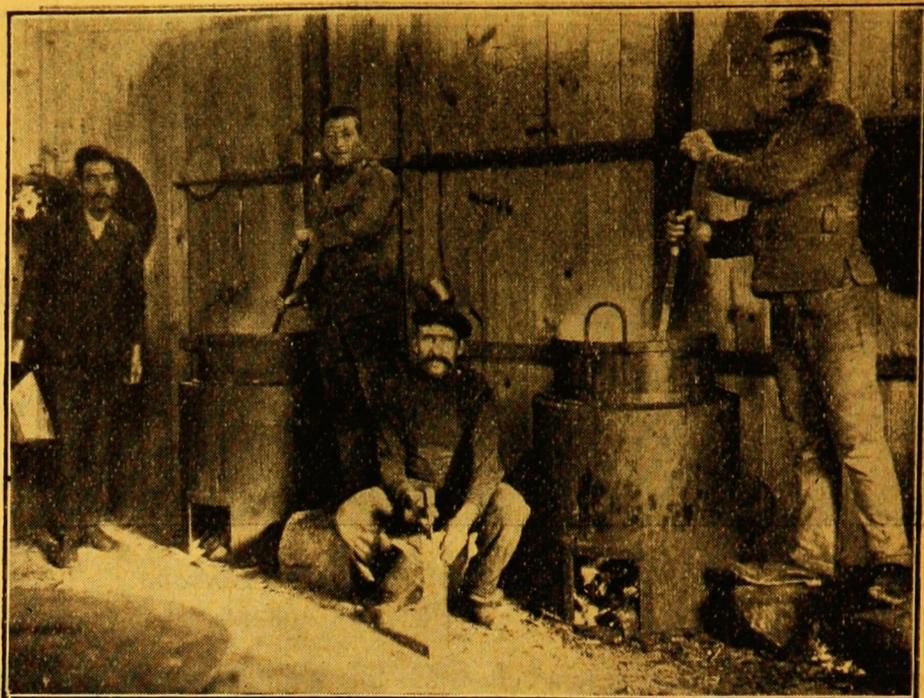


O snr. dr. Julio d'Abeilard Teixeira provando a sôpa na Cosinha Economica

O Soneto da amphora ou a morte de Byblis

DE RONALD DE CARVALHO

BYBLIS, a loura irmã dos amarantos rubros trouxe-a a Phazelis cheia do oleo das rosas (que era sagrado e ardia ao luar, pelos delubros entre thyrsos pagãos e ambulas caprichosas...)

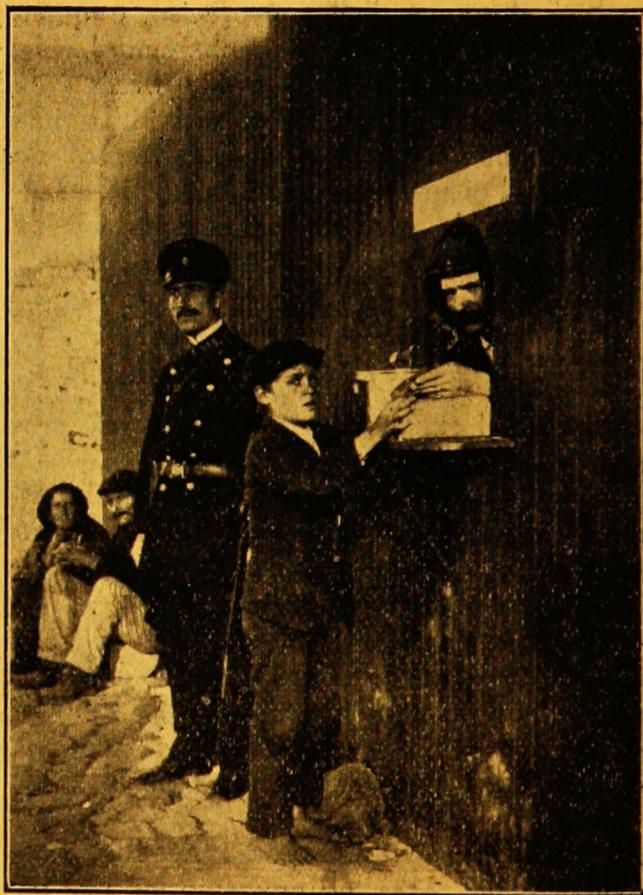


*PORTO — Cosinha Economica do Bomfim.
Rancheiros de infantaria 18 fazendo o rancho*

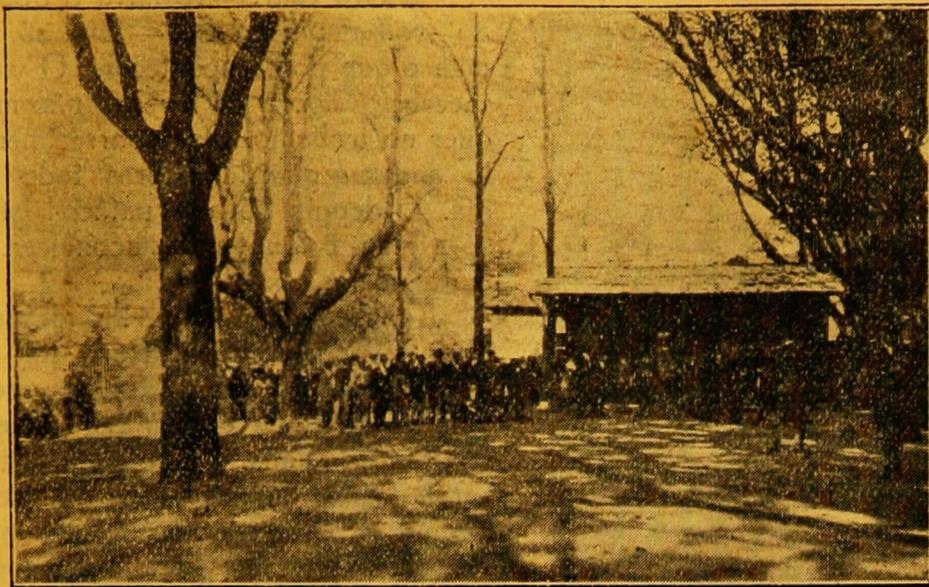
*Mas a vida passou e a grega envelhecida
Byblis deixou de ser por deixar de ser bella...
E, cansada de andar nos caminhos da Vida,
foi para Tharsos como a propria sombra d'ella...*

*O azul molhou de luar, ainda uma vez as frias
paisagens de seu paiz, e, em notas dolorosas,
a Lua-Cheia guiou-lhe o passo leve e absono...*

*E Byblis, ao morrer, deixou as mãos esguias
Sobre a amphora e das mãos o sangue abriu-se em rosas
(que o sangue d'uma grega é um jardim pelo Outomno...)*



Distribuindo a sôpa



PORTO—Um aspecto da Cosinha Economica do Passeio das Virtudes

(Clichés do phot. am. snr. Julio R. de Castro)

A vida do jornaleiro



Á na terra todos andam contentes.

Só elle, o João, tem assomos de tristeza que o trazem desbancado e carrancudo. Não pensa em mais nada, senão no tio que foi para o Brazil e que não deu mais noticia de si. Este tio, o José da Calçada, tinha alguma coisa de seu mas espatifou tudo nas eleições, nas comezainas pelas feiras; para não ficar a pedir pelas portas, nem ter de manobrar de enxada às costas, porque foi arma com que nunca

se deu, recorreu ao triste e sabido expediente do Brazil.

Foi um dó d'alma aquella despedida. O sobrinho com um filhito ao collo chorava que nem uma creança; a mulher do Calçada atava as mãos na cabeça.

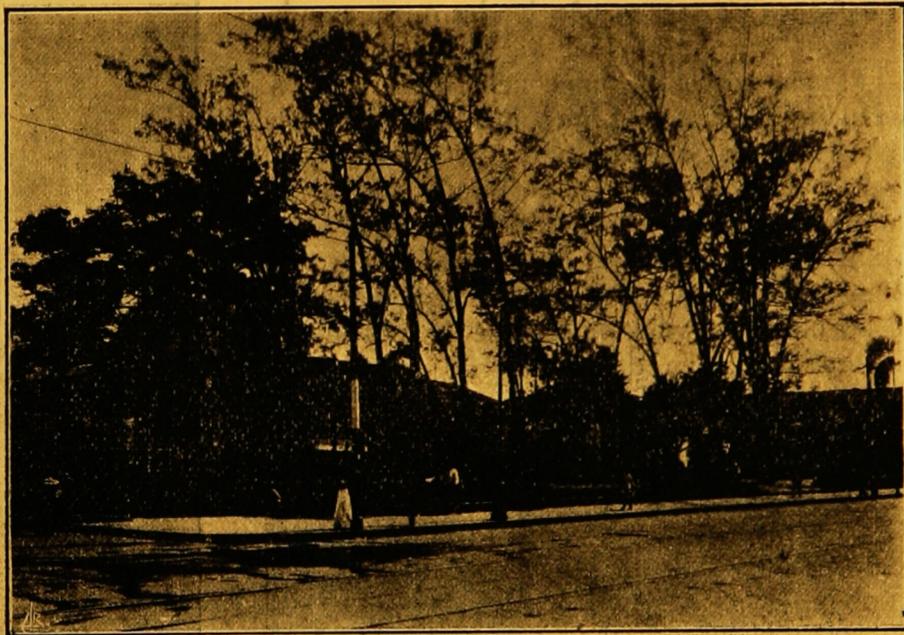
— Oh! homem, o que tu havias de fazer... Adeus até ao dia de juizo!

— Leve o diabo paixões, mulher! Aqui ou lá, tudo é mundo.

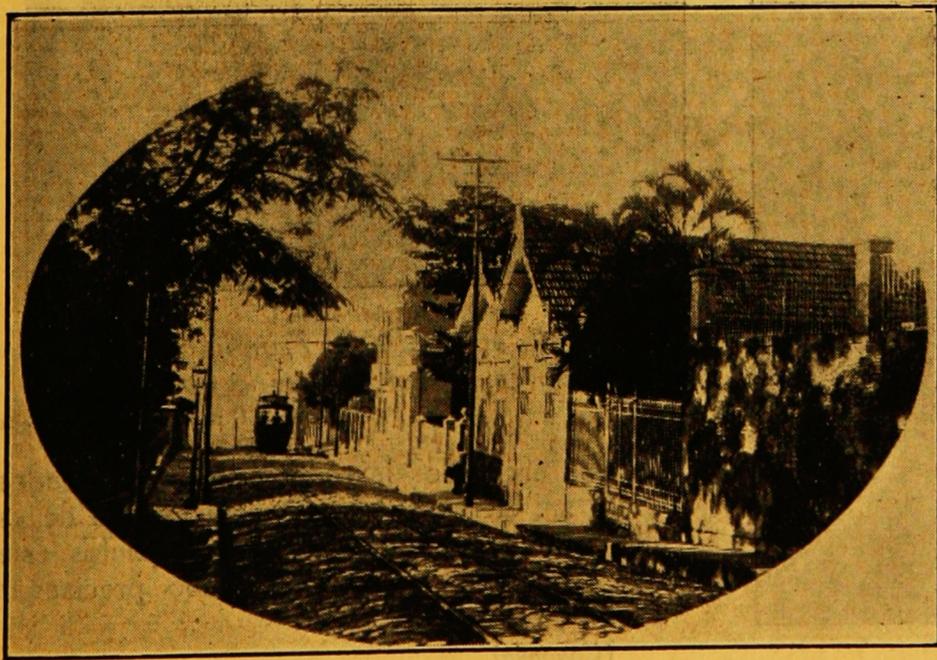
— Ai! o meu rico homem, que o não torno a ver.

Era noite cerrada de inverno, escura como breu. O sobrinho lá foi acompanhar o pobre do homem até ao carro, mas Deus sabe com que aper-

A Illustração Catholica no Brazil



RIO DE JANEIRO — Rua 11 de Junho



Rua do Oriente (Santa Theresia)

tos de coração. Já era viuvo, aos 27 annos, e ficaram-lhe duas creancinhas quando a consorte se passou d'esta para melhor vida. A mulher do tio Zé da Calçada lá lhe ficava tambem agora em casa a comer o pão sem trabalhar, pois soffria muito e se ainda amanhava as comidas para a familia e lavava a roupa das creanças, fóra é que ella não grangeava nem valor de cinco réis.

Imagine-se, pois, a magua do infeliz jornaleiro, que offerecia doloroso contraste com a alegria estúpida do emigrado que esbanjara um bello patrimonio, e se sahia de vez em quando com punhaladas como esta:

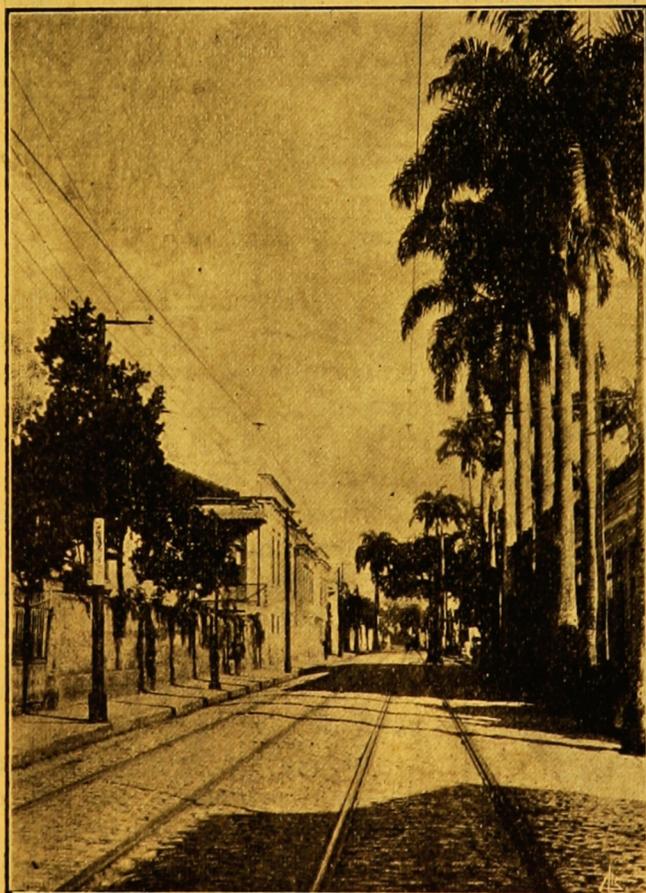




RIO DE JANEIRO — *Bibliotheca Nacional*

— Agora ao menos não tendes quem mande em vós.

O João não disse uma nem duas. Era a prudencia em pessoa. Outro que não fosse da força d'elle, pregava-lhe logo com uma resposta que o ensarilhasse. Até chegou a tanto a humildade de João, e a sua prudencia, que metteu uns meiotos de lã no bolsos para o tio, que não se lembrara do providencial expediente, e que ao chegar á villa, se levasse os pés humidos, bem precisava de mudar de meias, não lhe fossem elles arrefecer ainda mais no carro.



Rua de S. Januario

— Ora esta! — rosnavo o João ao voltar para casa. — Isto só a mim é que podia acontecer. O sr. Gervasio agora de inverno não me quer no trabalho. Que aborrecimento andar a guardar cabras todo o dia. E depois só um pataco! Isto só a mim é que pôde acontecer... Só a mim...

Aquelle anno tinha sido desastrado para a lavoura. Raro foi o lavrador que chegou a colher metade do pão que costumava colher nos outros annos. Vinho poucos tiveram para duas pipas. Nas dez freguezias em redor a mesma miseria, a mesma desgraça. O espectro da fome devia infallivelmente bater a muitas portas. E depois, seria uma invasão da pobreza indigena a disputar os poucos alquei-



Monumento ao dr. Paulo Frontin erigido pelo povo em Valença (Estado do Rio)

(Clichés do dist. phot. snr. José Carvalho)

res das arcas dos lavradores mais remediados. O sr. Gervasio possuia uma fortuna de estalo, e muitas quintas; mas estas quintas estavam arrendadas a caseiros, e não precisavam do braço de João.

(Continúa)

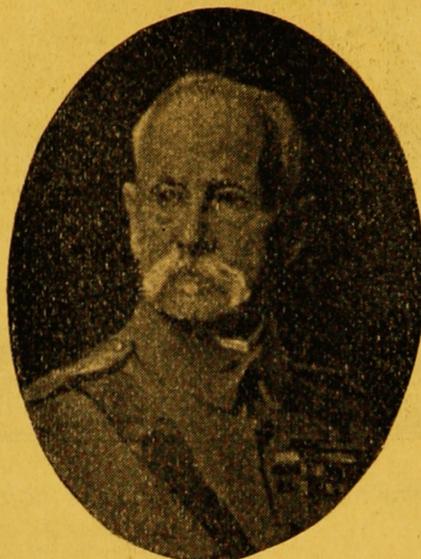
S. AZEVEDO.

Notas do Extrangeiro



Cardeal Cavallari

Falleceu no dia 24 de Novembro o Eminentissimo Cardeal Aristides Cavallari, Patriarcha de Veneza. Nasceu este eminente prelado em Chioggia a 8 de Fevereiro de 1846 cursando ahi os seus estudos ecclesiasticos que depois foram completados no Seminario de Veneza. Ordenado sacerdote em 24 de Setembro de 1872 foi successivamente capellão de S. Cassiano e parochio de S. Pedro do Castello. Depois de ascender a varias honrarias foi nomeado Vigario Geral em 1904 e a 15 de Fevereiro de 1905 eleito Patriarcha de Veneza. No Consistorio de 15 de Abril de 1907 foi creado e publicado Cardeal com o titulo de S. Maria in Cosmedin.



Lord Roberts

Generalissimo do exercito inglez ultimamente fallecido

Nasceu em Cawnpore (India) a 30 de Setembro de 1834. Estudou nas Escolas Militares de Eton (Sandhurst). Tomou parte nas expedições da India em 1858 e da Abyssinia em 1868 distinguindo-se sempre pela sua bravura. Em 1899 tomou o commando das forças inglezas no Transvaal, occupando Pretoria em junho de 1900 e acabando a conquista do Estado livre de Orange sendo-lhe concedido um premio de 100.000 libras.



Hugo Benson

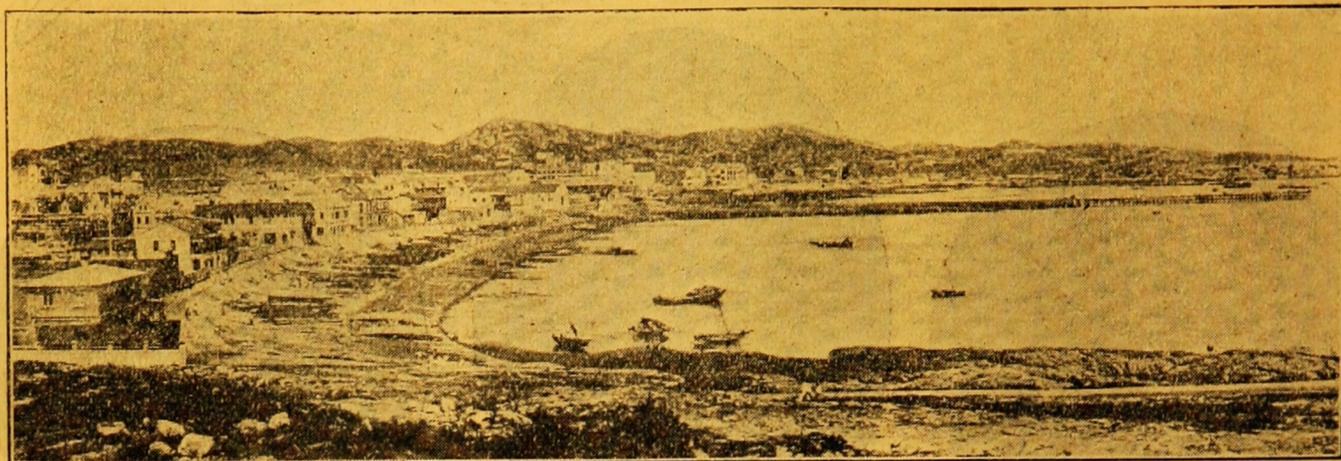
Falleceu recentemente em Londres este illustre litterato filho do arcebispo anglicano de Cantorbery. Nasceu em Berkshire em 1871, convertendo-se do protestantismo ao catholicismo depois já de se ter afamado como litterato distincto, e concluir a carreira ecclesiastica da sua seita. As suas principaes obras são: «A Book of the Love of Jesus» (Livro da vida de Jesus Christo); «The sentimentalists»; «The Light Invisible» e «The queen's tragedy». Além d'estas escreveu um prologo para a «Imitação de Christo», optima traducção e prologo interessantissimo e profundo. A sua obra prima, porém, é «O Dono do Mundo» (The Lord of the World).



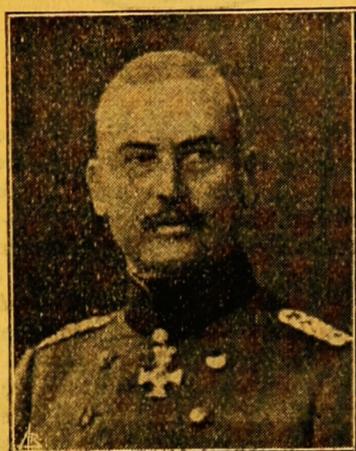
D. LEOPOLDO GARAY
Novo Bispo de Tuy (Hespanha)



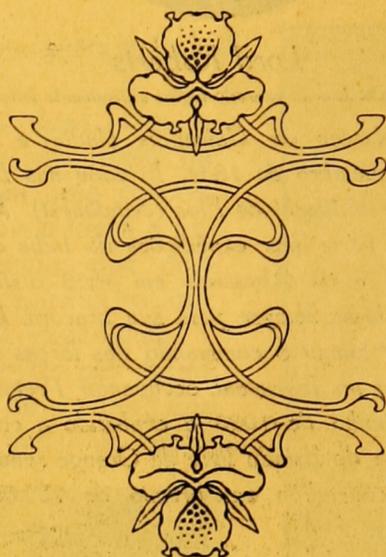
A Guerra Europeia



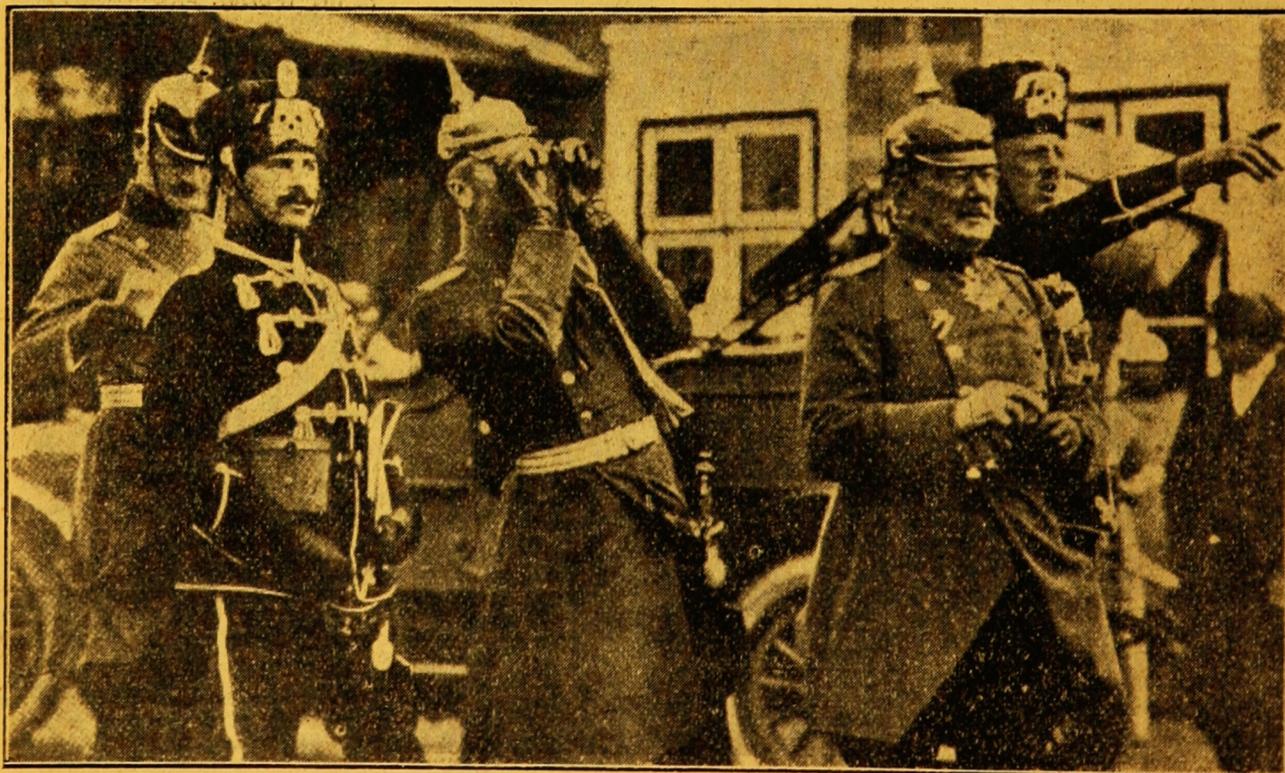
Tsing-Tão, cidade alemã no extremo oriente e hoje na posse do Japão



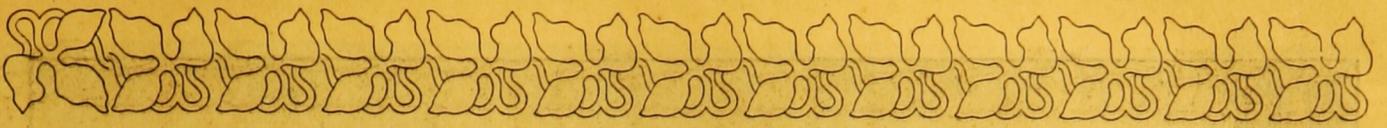
O general Sandero, commandante do exercito turco



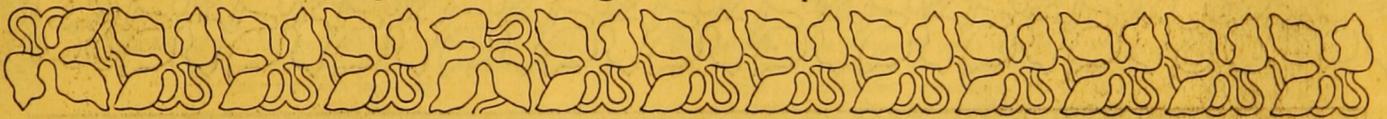
Enver Pachá, ministro da guerra, da Turquia



O marechal allemão von de Goltz, governador da Belgica, e os seus ajudantes na fronteira franco-belga



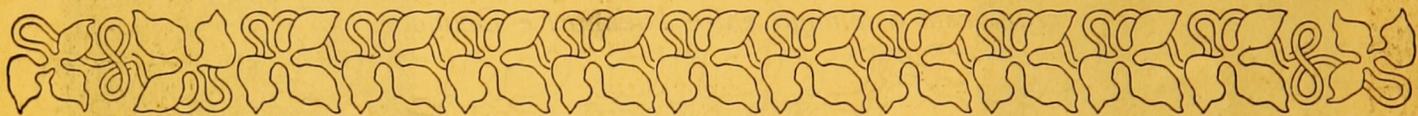
BELGICA—O rei Alberto vendo desfilar os soldados que durante dez dias e dez noites repelliram o inimigo entre Nieupart e Dixmude



Os lanceiros do exercito britanico poupando as suas montadas



Destacamento belga em marcha. Pelo estado em que se encontram os heroicos soldados — pode julgar-se do muito que tem soffrido na desesperada lucta contra os invasores da sua patria



Ginetes argelinos da cavallaria colonial franceza regressando ao acampamento depois do combate e conduzindo os prisioneiros allemães



ARMARIA PORTUGUEZA

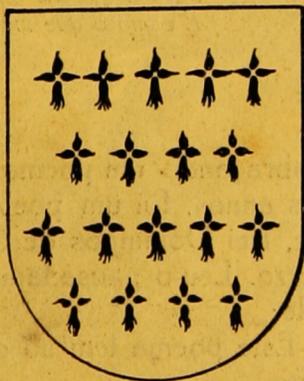
Armas de cada appellido que entram na composição dos brazões das casas nobres de Portugal



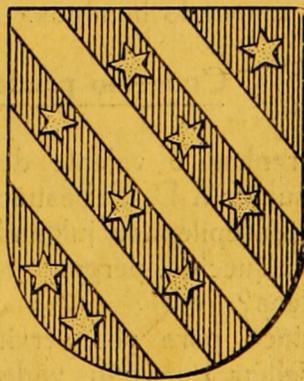
Bandeira. — Em purpura uma bandeira quadrada, de prata, e n'ella um leão de purpura ronpante. Timbre: a mesma bandeira.



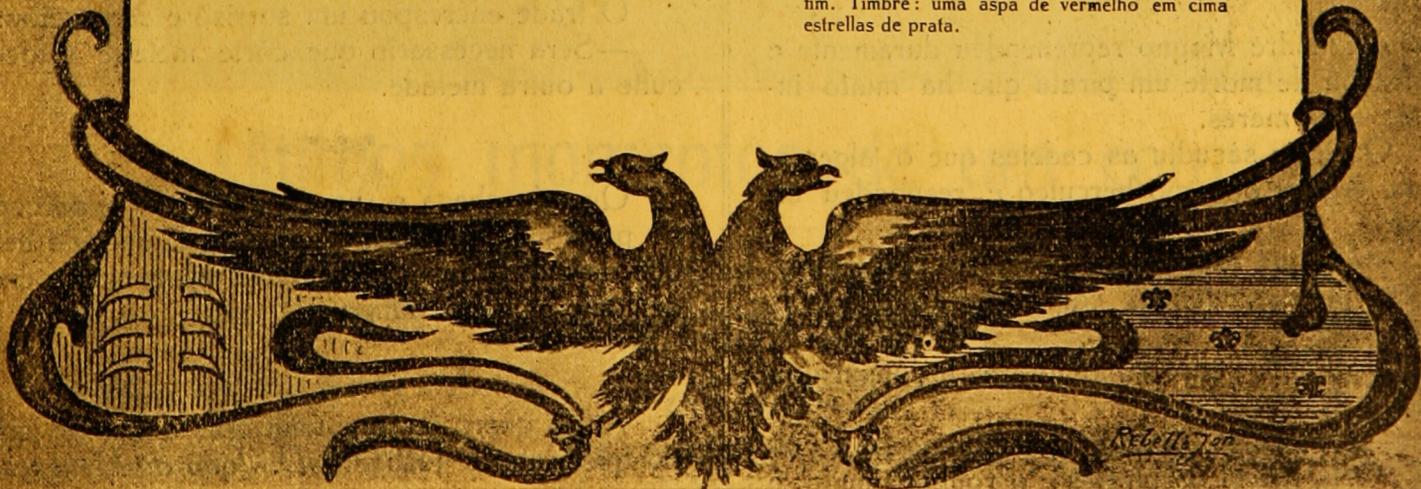
Barbosas. — Em campo de prata uma barra azul, com tres crescentes d'ouro, entre dois leões de purpura, batalhantes, armados de prata. Timbre: meio leão de purpura, armado de prata com um crescente das armas nas espaduas.



Barretos. — Em campo de prata desoito arminhos. Timbre: meia donzella sem braços, em cabelo, vestida d'arminho.



Barros. — Em campo vermelho tres bandas de prata e no campo nove estrellas d'ouro, uma na cabeça do campo, seis no meio e duas no fim. Timbre: uma aspa de vermelho em cima estrellas de prata.



Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos

Os arrimos do paço

D CARLOS, filho de Filippe II, era um grande gastronomo e costumava demorar-se á meza com desprazer dos fidalgos, que tinham de conservar-se em pé durante as refeições. Uma noite, um fidalgo, já somnolento e impaciente, foi recuando até a parede para encostar-se, mas foi tão desastrado que tropeçou n'um reposteiro e estatelou-se no chão, sob um côro de gargalhadas. D. Carlos voltou-se com severidade:

—A tal grosseria, tal castigo.

O fidalgo replicou serenamente:

—Senhor, são assim todos os arrimos do paço.

Tristezas de Themistocles

Perguntando alguém a Themistocles porque andava tão triste, sendo querido e respeitado de toda a Grecia, disse:

—Por isso mesmo. Ver-me estimado de todos é signal de que não pratiquei acção tão honrada que me haja grangeado inimigos.

Conselho prudente

D. João de Mascarenhas, o valente defensor de Diu, tentou dissuadir a D. Sebastião da jornada d'África. O joven epileptico julgando o conselho de cabeça enfraquecida, perguntou-lhe:

—Quantos annos tens?

—Tenho vinte e cinco para vos servir, e oitenta para vos aconselhar que não vades á Africa.

O imperador e o pirata

Alexandre Magno reprehendeu duramente e ameaçou de morte um pirata que ha muito infestava os mares.

O pirata sacudiu as cadeias que o algemavam, ergueu o corpo herculeo e respondeu altivo:

—Porque roubo com uma barca sou ladrão, e vós porque roubaes com uma armada sois imperador!

O grande padre Antonio Vieira commentou o dito do corsario:

—Dizia bem, porque o roubar pouco é culpa, e isto fazem os piratas; o roubar muito é grandeza, e isto fazem os Alexandres.

O luxo

Xerxes, senhoreando os babylonios, introduziu n'aquelle povo todos os prazeres e sobretudo o luxo desmedido. E, quando lhe perguntaram porque assim procedia com um povo de rebeldes, respondeu:

—E' para que não se rebellem segunda vez.

D. João VI

D. João VI jurara solemnemente a Constituição.

Regressando uma tarde de Villa Franca ao paço da Bemposta leu, escriptos a carvão, no corredor que conduzia aos seus aposentos, os dois versos seguintes:

*Juraste a Constituição,
Que fazes agora, João?*

D. João VI pediu um carvão e respondeu:

*Faço o que me dizem
E como o que me dão.*

Sentença de frade

Sobraçando um poema, producto de quinze suados annos, foi um poeta procurar o padre mestre, frei Domingos de S. Thomaz, velho de são juizo. Leu-o pausadamente e ao fim disse o frade:

—Este poema tem só o defeito de ser muito largo.

—Grande mercê me faz vossa paternidade dizendo-me o que será necessario fazer...

O frade encrespou um sorriso e sentenciou:

—Será necessario que córte metade e occulte a outra metade.

Quando chega o dia do desfavor, apparece no privado, que descahiu da graça, um não sei quê de monstruoso, e o homem se converte em demonio.—*Victor Hugo.*

Antes quero ter por mim dois dedos de juiz do que vinte de justiça.—*D. João de Menezes.*

TITO FLAVIO.